

A FUNÇÃO DA GRAVURA NA OBRA DE ALBRECHT DÜRER

Matthias Mende | Diretor da DürerHaus, em Nuremberg

EM SEU LEITO, diante da praça Tiergärtnerort, em Nuremberg, Dürer, ao enfrentar a morte em abril de 1528, pôde ter feito um balanço e relançado um último olhar sobre sua vida, longa, plena e cheia de êxitos.

COM APENAS 30 ANOS fôra reconhecido como parceiro de humanistas como Konrad Celtis, e elogiado como o melhor artista do norte dos Alpes. Após 1520 seu nome foi alçado ao mesmo patamar dos grandes gênios italianos Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael.

DÜRER ERA PINTOR por profissão. Em 1486 permitiram-lhe interromper sua formação de ourives, feita sob orientação paterna, para entrar como aprendiz na oficina de Michael Wolgemut. Na série "A grande Paixão", na gravura que abre a coleção de imagens, Dürer assina como "pictor" (pintor). O artista, ao encomendar em 1519 uma medalha com sua efígie, fundida em bronze, cuidou que sua profissão constasse ao lado do seu nome.

DEVEMOS, NO ENTANTO, ter em mente que apenas alguns contemporâneos sabiam de sua obra pictórica. É certo que as igrejas e capelas de Nuremberg possuíam altares pintados pelo artista. O altar doado por Jakob Heller estava na Igreja dos Dominicanos, em Frankfurt. No final da Idade Média os altares ficavam quase sempre fechados durante o ano eclesialístico e eram abertos somente nos grandes feriados religiosos.

QUANTO AOS QUADROS que Dürer forneceu aos mentores temporais e espirituais, por exemplo a Frederico, "o Sábio da Saxônia", eram quase todos inacessíveis ao público. Os retratos, naquele período, eram guardados como documentos, dobrados e fechados em arcas.

DURANTE SUA VIDA a glória e a influência não se fundamentaram apenas na sua pintura, mas na sua personalidade extraordinária e em sua obra gráfica. Desta última fazem parte seus quatro livros de xilogravuras – *O Apocalipse*, *A grande Paixão*, *A vida de Maria* e *A pequena Paixão*, além de numerosas ilustrações para livros. Como as gravuras são múltiplas, a maior parte da sua obra, que conseguiu chegar até nós, provém desse campo de criação. Estima-se que a metade de suas telas desapareceu no decorrer dos séculos. E, talvez, apenas 10% dos seus desenhos tenham sobrevivido. Em contrapartida, a posteridade pôde apreciar a sua obra gráfica como um todo coerente.

O CONFORTO EM QUE VIVIA Dürer baseava-se na comercialização de suas águas-fortes e xilogravuras. Em carta enviada de Veneza a Jakob Heller, em 28 de agosto de 1509, diz ao amigo que seria mil florins mais rico se tivesse produzido um maior número de gravuras em metal. Mesmo que o artista tivesse exagerado nessa estimativa, a mencionada soma é enorme. Artistas da corte de Margarete da Áustria, como o escultor Konrad Meite e o pintor Bernaert van Orley, recebiam um salário fixo anual de 18 florins, e sua renda anual somava aproximadamente 100 florins. Quando o Conselho Municipal de Basileia quis persuadir Hans Holbein, "o Jovem", a voltar para a Suíça, ofereceu-lhe um salário anual de 30 florins. Se somarmos todas as vendas de gravuras de Dürer durante sua estada nos Países Baixos, entre 1520 e 1521, chegaremos a cerca de 100 florins. Pela chamada *Festa do Rosário*, pintada em 1506 para a Igreja dos Comerciantes Alemães, em Veneza, e atualmente na Galeria Nacional de Praga, ele ganhou mais de 100 florins. A quantia de 1.000 florins, citada na carta a Jakob Heller, seria suficiente para o artista adquirir duas vezes a sua imponente residência junto ao Tiergärtnerort. Há cem anos a residência se transformou em museu e ponto de atração turística. Convertendo-se os 1.000 florins em bases atuais, a soma corresponderia a 120 mil dólares. Como os impostos em Nuremberg eram cobrados de forma anônima e recolhidos voluntariamente, não podemos avaliar o patrimônio das famílias da cidade para estabelecermos uma comparação. No entanto, há consenso entre os historiadores de que Dürer, por ocasião de sua morte, era um dos cem homens mais ricos de sua cidade. E seu patrimônio era consequência da venda de gravuras.

QUANDO O ARTISTA iniciou sua atividade, o mercado de comercialização de artes gráficas inexistia ou estava recém-surgindo na Europa central. Dürer viu-se obrigado a desenvolver estratégias de vendas e a criar redes de distribuição das imagens. Provou ser também um talentoso comerciante dos primórdios do capitalismo. Conhecia rudimentos de contabilidade e operações creditícias como seu pai, o ourives Albrecht Dürer, "o Velho". Os ourives precisavam financiar o ouro e a prata e pedras preciosas utilizadas no seu trabalho. Sinais e pagamentos parcelados não eram usuais. O comportamento comercial dos autores dos pedidos, pessoas de elevada posição social, deixava a desejar.